

ENTREVISTA de LUCIANA RANGEL  
Julho/Agosto 2020

# MEMÓRIAS PARA O PRESENTE

O processo de ditadura militar no Brasil e a política atual na percepção do jornalista Flávio Tavares

Como disse José Saramago sobre o livro Memórias do esquecimento: “Magistral, simplesmente magistral. Li-o de uma assentada só, sem poder parar!” Flávio Tavares é um mestre. Jornalista, autor de livros fundamentais para se entender o Brasil e a América Latina, Flávio viveu o antes, o durante e o depois da ditadura militar brasileira (1964-1985). Ninguém melhor do que ele para tecer um panorama do que foi e do que acontece no atual momento da política brasileira. Minha primeira entrevista com Flávio foi há vinte anos, quando para o Jornal do Brasil, eu procurava os 13 da célebre foto dos presos políticos trocados pelo embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, sequestrado por integrantes das organizações clandestinas Dissidência Comunista da Guanabara e da Ação Libertadora Nacional. Nos encontramos em um posto de gasolina, o Flávio e eu, a repórter do jornal. Foi assim que começou nossa amizade e troca profissional. Hoje, mais do que nunca, se faz necessário conversar com Flávio para que a reflexão sobre o passado nos ajude a não sermos repetitivos no presente.

**Você viveu o processo da ditadura militar. Nunca é de uma hora para outra. Quando você percebeu naquela época que entraríamos em um caminho de difícil volta?**

Minha geração vivia a democracia por acreditar no debate. Por isso, todos nós levamos muito tempo para perceber que o golpe de Estado levava à ditadura, que a ditadura era a supressão das liberdades e que isso significava a asfixia do país inteiro, até de quem apoiava o golpe. Não esqueçamos que o golpe de 1964 foi perpetrado em nome da “liberdade” e que se travestiu disso por algum tempo. Em Brasília (e eu estava lá como jornalista político) ninguém pensou que o golpe viesse a implantar o horror que implantou, mesmo com as prisões e a repressão a esmo dos momentos iniciais. Aquilo nunca havia ocorrido no Brasil!

**Como foi o impacto desses acontecimentos em sua escrita na década de 1960? Você entrou na luta ou continuou a escrever?**



Em meu caso pessoal, contraditoriamente, passei com o golpe a escrever de forma mais apurada, indo a fundo dos problemas nos primeiros meses, até quando isso foi possível. Eu era o colunista político da Última Hora, o único grande jornal que apoiava a reforma agrária pretendida pelo governo deposto. Mesmo isento, eu escrevia em um jornal “governista” ou de linha “pró-governo”. Após o golpe, me senti “liberado”, mas a “liberação” durou pouco. Primeiro, do gabinete do Ministro da Guerra (que depois foi o segundo ditador) reclamaram por eu escrever “Movimento de 1º de Abril”, que é o “dia dos tolos”, e não “Revolução de 31 de Março”, como fora oficializado e escreviam todos. Em fins de 1965, chamei o Ato Institucional nº 2 (que aboliu os partidos) de “golpe dentro do golpe” e houve nova reprimenda. Mesmo assim, com pequenos ardis, conseguíamos nos sobrepôr à vigilância. Tudo mudou para pior em dezembro de 1968, com o Ato 5, com policiais nas redações dos jornais, rádios e TVs, impondo a censura direta. Já não havia mais razão para ser jornalista. Menos ainda jornalista político em um país sem política, dominado pela força. Censuravam até a previsão do tempo, como no calor abrasador do Rio de Janeiro durante o Carnaval de 1969, para evitar que os turistas europeus, esperados nos navios, cancelassem a viagem pelos 40 graus na cidade.

**Como foi voltar a trabalhar como jornalista depois de tudo o que aconteceu. Qual impacto emocional você percebe em seu trabalho editorial durante o exílio?**

Tive de aprender a pensar em outros idiomas, não a traduzir. Primeiro em italiano, ou em um pseudo-italiano, na Agência ANSA, no Mundial de Futebol de 1970 no México. Logo em espanhol, no Excelsior, uma cooperativa de trabalhadores, então o maior jornal do México e o único independente, no serviço internacional, depois na feitura da primeira página. Tive que mudar a visão jornalística e adaptá-la ao estilo do país, com valores diferentes do Brasil. Isso me fez mais cuidadoso ao escrever e a pensar, na forma e no conteúdo, até porque – ao ser estrangeiro e ter outro idioma materno – eu não podia me equivocar sequer em um acento.

### **Como foi sua experiência trabalhando fora do Brasil, México, Argentina e Portugal?**

Saí do México para a Argentina como correspondente do Excelsior, em época conturbada, no governo de Isabelita Perón, quando a esquerda e a direita peronista se matavam nas ruas de fato, não como metáfora. Dois anos depois, o golpe militar instaurou o terror e eu já trabalhava também para O Estado de S.Paulo, com o pseudônimo de Júlio Delgado. Foram anos aflitos mas de enorme riqueza interior. O terror me fez entender a vida e o mundo. Escrever no Estadão me fazia, em parte, estar presente no Brasil, país do qual eu fora “banido” e ao qual não podia voltar. Em julho de 1977, fui a Montevideu interceder pela libertação de um “free lancer” do Excelsior e o exército uruguaio me sequestrou ao tentar sair do país. Permaneci 26 dias algemado e de olhos vendados, além de ser torturado, e mais seis meses em prisão. Libertado devido à pressão internacional (até o Papa Paulo VI e o presidente Carter, dos EUA, intervieram a meu favor), exilei-me em Portugal, em janeiro de 1978. Portugal vivia, ainda, sob o calor da Revolução dos Cravos (que libertou o país da ditadura de trinta anos), e o prestígio do Estadão me abriu portas. Convivi com diferentes setores do governo e da sociedade, podendo entender bem a nova experiência de redemocratização.

### **O livro *Memórias do Esquecimento* é um desabafo magistral, escrever para não morrer. Como foi o processo de escrita? Por etapas, de uma vez só? Como diário ou você já tinha a expectativa de fazer um livro?**

Esse livro foi minha catarse. Escrevi o duro capítulo inicial (sobre o pesadelo oriundo da tortura) ao voltar do exílio, em 1980 em São Paulo, e sofri tanto que não pude continuar. Só retomei a escrita

19 anos depois, ao entendê-la como “um dever” para que as novas gerações conhecessem os subterrâneos da ditadura. Durante 30 anos, amadureci o livro no inconsciente e o redigi em seis meses corridos, às vezes literalmente suando em pleno inverno frio.

### **Qual impacto emocional tiveram as eleições de 2018 em sua vida e em seu trabalho?**

O resultado foi terrível, mas previsível. No Brasil, a política foi manchada pelos políticos que transformaram os partidos em aglomerados de pessoas em busca de vantagens de qualquer tipo – dinheiro ou exibicionismo. O desprestígio da política elegeu Bolsonaro, que prometia uma “revolução”, mesmo em nome do atraso, e fazia da violência a arma para, supostamente, combater a violência das ruas. A linguagem primária e rude de Bolsonaro foi vista pelos eleitores como contrapartida à demagogia e à corrupção dos governos anteriores. O maior impacto da eleição – e também o mais perigoso – foi que a pregação do ódio que o vencedor produziu na população. Hoje, marchamos para um país que odeia a si mesmo e inventa fantasmas em tudo. O pior impacto é virarmos uma sociedade sem amor, guiada pela desconfiança.

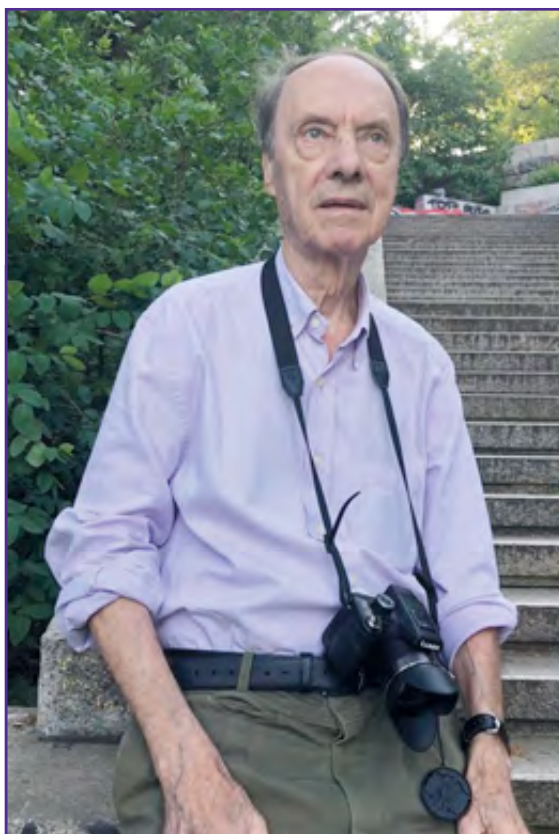
### **Voltar a Che Guevara, trabalhar sua história e morte: o distanciamento do tempo seria uma forma de compreender tudo melhor? No que o livro *As três mortes de Che Guevara* pode contribuir para a luta atual?**

Só o distanciamento do tempo nos liberta do fanatismo escondido ou disfarçado no preconceito. É o caso de ver e entender, hoje, a imolação de Che Guevara. Descobre-se assim como as chamadas “razões de Estado” pesam mais do que as teorias e vão além das utopias, principalmente nos anos da Guerra Fria.



**Como você avalia o Brasil presente? Esse fascismo que adoece o país difere do governo Getúlio Vargas (Plínio Salgado com o Movimento Integralista Brasileiro) e da ditadura militar no quê? Em seu artigo *O fantasma sempre presente e atual*, você cita Amoroso Lima: “O passado não é aquilo que passa, mas aquilo que fica do que já passou.” Pode-se dizer que vivemos o que ficou dessas ditaduras?**

Sim, vivemos o rebotalho mais apodrecido do que ficou dos 21 anos da ditadura. Agora vivemos o atraso e a estupidez ignorante. Nem sequer se trata de “fascismo”, pois o fascismo tinha um projeto político e, hoje no Brasil, só existem projetos de liquidação violenta do próprio poder em si para transformá-lo em algo pessoal e mesquinho, como na monarquia absolutista. Com Getúlio Vargas tivemos um poder centralista, mas com projeto e visão de Estado moderno. Plínio Salgado e sua Ação Integralista Brasileira foram uma caricatura do fascismo e do nazismo, e Getúlio o mandou ao exílio no neo-fascismo português. Hoje, o governo busca nos fazer marchar, literalmente, para o abismo, para um nada absoluto.



O gaúcho Flávio Tavares é escritor, jornalista, advogado e também um grande conhecedor de Brasil, da democracia e da ausência dela. Aos 20 anos, foi eleito presidente da União Estadual dos Estudantes do Rio Grande do Sul. Formou-se em Direito, mas nunca atuou como advogado, trabalhando desde cedo no jornalismo. Foi comentarista político do jornal Última Hora e cobriu eventos importantes, como a Conferência da Organização dos Estados Americanos, em Punta del Este, Uruguai, em 1961. Lá, conheceu Ernesto Che Guevara. Foi também um dos fundadores da Universidade de Brasília. Ligado ao então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, Tavares foi preso pela primeira vez logo após o golpe militar de 1964. Foi solto logo depois. Entre 1967 e 1969 foi novamente preso, acusado de participar de uma ação armada para libertar presos políticos na Penitenciária Lemos de Brito, no Rio de Janeiro. Em setembro de 1969 foi enviado para o exílio, no México, no grupo de prisioneiros trocados pelo embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, sequestrado por integrantes das organizações clandestinas Dissidência Comunista da Guanabara e da Ação Libertadora Nacional. Nos anos 1970, durante o exílio, trabalhou no jornal mexicano Excelsior, pertencente a uma cooperativa de trabalhadores. Como correspondente do Excelsior, foi viver a partir de 1974 em Buenos Aires, onde também escrevia para o jornal O Estado de S. Paulo, assinando sob o pseudônimo de Júlio Delgado. Sua permanência na Argentina terminou em 1977, quando foi ao Uruguai para contratar um advogado para outro jornalista do Excelsior que fora preso lá. Em julho daquele ano, foi sequestrado por militares dos órgãos uruguaios de repressão. Após passar 195 dias preso, foi libertado graças à solidariedade do Excelsior e do Estadão, além da pressão internacional (o governo brasileiro pediu sua libertação às autoridades uruguaias). Como estava banido de voltar ao Brasil desde 1969, saiu da prisão uruguaia em janeiro de 1978 para o asilo ofertado pelo governo de Portugal, que havia passado recentemente pela Revolução dos Cravos. Assim, foi morar em Lisboa e só regressou ao Brasil com a anistia de 1979. Atualmente, aos 86 anos, o jornalista vive em Porto Alegre com sua esposa Patrícia. É professor aposentado da UnB e articulista do Estado de S. Paulo. É pai da fotojornalista Isabela e do cineasta Camilo, autor do filme “O dia que durou 21 anos” (2013).

**Merkel sempre diz que precisamos lutar diariamente pela democracia. Onde erramos, em sua opinião, na manutenção de nossa democracia ao longo desses 35 anos?**

Erramos ao tomar as cicatrizes dos 21 anos de ditadura militar como o “grande legado” daquele tempo. Hoje, não sabemos debater nem dar alternativas. Apenas atacamos ou defendemos determinadas posições. Merkel tem razão, mas no Brasil luta-se só pelas vantagens do poder, nunca pela democracia.

**Ainda no artigo do Estadão, você escreve “Esses 21 anos (de ditadura) se impregnaram de tal forma na visão política do país que ainda hoje o povo confunde ‘democracia’ com ‘eleição’, como se o debate livre não existisse”. Gostaria que você explicasse melhor este seu ponto de vista. Seria um exemplo disso a divisão radical do país entre bolsonaristas e petistas?**

A herança da ditadura faz os políticos pensarem, até hoje, que basta eleição para haver democracia. Com isso, o debate se transforma em confronto. Os anos do PT no poder acentuaram essa percepção, pois o “petismo” se apresentava como única alternativa histórica, como se o Brasil tivesse nascido com o PT. Apresentava-se o PT como um Messias Salvador. Essa visão impregnada nas massas abriu o caminho para atrasados ignorantes, como Bolsonaro, chegarem ao poder pelo voto. Hoje, o Brasil não se divide entre “petistas” e “bolsonaristas”, mas entre a crença na democracia e o atraso do autoritarismo. Esta é a divisão real, concreta e profunda.

## PERFIL